

O LEGADO DO ESCRITOR FERNANDO PY E A ORGANICIDADE ENTRE ARQUIVO E BIBLIOTECA

Maria Celina Soares de Mello e Silva¹
maria.mello@museus.gov.br

Resumo

O trabalho aborda o legado literário do escritor Fernando Py, sob o ponto de vista de sua filha arquivista, utilizando-se do conceito arquivístico de organicidade para realizar uma análise das relações entre seu arquivo e biblioteca. Apresenta breve biografia do escritor, poeta, crítico literário e tradutor. Ao longo de sua vida, acumulou uma biblioteca especializada em literatura com cerca de 9 mil volumes, e produziu um arquivo relacionado à biblioteca. Py tinha a intenção de deixar seu legado literário para uma instituição de memória, que preservasse o acervo e o disponibilizasse para a pesquisa acadêmica. Após seu falecimento em 2020, foi iniciado um trabalho de listagem do material do arquivo para conhecimento do conteúdo. O texto discute a experiência inovadora de lidar com um arquivo pessoal sob o ponto de vista familiar e profissional. O aspecto familiar envolve a questão da seleção de documentos para doar a uma instituição de custódia, os interesses pessoais e as lembranças familiares que devem ser preservadas, além de uma análise minuciosa para evitar arrependimentos futuros. Trata-se do valor sentimental que um documento pode ter, como, por exemplo, fotografias ou cartas. E o profissional de arquivo deve reconhecer que é preciso evitar desmembramentos ou fragmentações para uma instituição, para que um pesquisador possa ter acesso a informações mais consistentes para uma biografia. Discorre, ainda, sobre a sistemática de trabalho do escritor, que era organizado e com perfil metódico. Exemplifica com a guarda da correspondência, tanto familiar e de amigos quanto de outros escritores, acondicionada em pastas por ordem alfabética ou cronologicamente, com relação ao recebimento dos livros e a criação de documentos de arquivo a partir dele. A organicidade, por se referir às atividades da pessoa, aplica-se também ao seu trabalho como escritor, como crítico literário e, ainda, como colecionador de livros. Sua biblioteca é fruto de seu trabalho e de seu gosto por colecionar livros. A singularidade está na sinergia entre arquivo e biblioteca, com a apresentação de exemplo e diagrama para facilitar a compreensão. Sua atividade de crítico literário alimentava sua biblioteca, que alimentava seu arquivo, e fazia com que ambos crescessem. O arquivo que ele constituiu e preservou é revelador de suas relações profissionais, sociais e familiares. A partir dele, foi possível observar uma pessoa diferente, um ser arquivador, que se preocupou em preservar minuciosamente os registros de sua trajetória, e com prazer. Esta tarefa ele fazia porque gostava e sentia necessidade. Não admitia que se jogasse nada fora. Conhecer o pai no âmbito doméstico, conhecendo seu trabalho e os amigos e escritores mais próximos, é uma dimensão sem surpresas. Porém, a dimensão externa, vinda de fora do âmbito doméstico, revelou um indivíduo a ser ainda mais valorizado e admirado do que já era.

¹ Museu Imperial, Petrópolis/RJ, Brasil.

Palavras-chave: Arquivo pessoal. Fernando Py. Organicidade. Biblioteca privada.

O texto aborda o legado literário do escritor Fernando Py, nascido Fernando Antônio Py de Mello e Silva, sob o ponto de vista de sua filha arquivista, utilizando-se do conceito arquivístico de organicidade para realizar uma análise das relações entre seu arquivo e biblioteca.

Filho de pais gaúchos, nasceu no Rio de Janeiro em 13 de junho 1935. Formou-se em direito em 1960, na Faculdade de Direito do Catete, atual UERJ. Porém, nunca exerceu a profissão. Dentre as diversas atividades que exerceu na vida, algumas se destacam, tais como: foi funcionário da Capes (1958-1959); Assessor de Justiça da Procuradoria do Estado do Rio Grande do Sul na Guanabara (1960-1962); e Meteorologista do Ministério da Agricultura (1962-1994), quando se aposentou como previsor do tempo.

Fernando Py faleceu em 21 de maio de 2020, na cidade de Petrópolis/RJ, onde vivia.

1 PRODUÇÃO E ATIVIDADE LITERÁRIA

Desde cedo, Fernando Py já demonstrava gosto pela literatura e pelos livros. Mesmo tendo realizado várias atividades profissionais, durante toda a sua vida seu interesse foi literário. Em paralelo às atividades profissionais, foi poeta, tradutor e crítico literário, fez verbetes para enciclopédias, prefácios e orelhas de livros etc., acumulando uma biblioteca especializada em literatura com cerca de 9 mil volumes, além de produzir um arquivo relacionado à sua vida literária e à biblioteca.

A biblioteca também possui outras temáticas de seu interesse e que também influenciaram sua obra, tais como astronomia, ficção científica, religião e outras. Ele tinha por hábito procurar livros em sebos e livrarias, travando amizades com livreiros e editores.

Para ele, manter a biblioteca era uma atividade pessoal, bem como profissional. Ele colecionava livros por gosto, mas também usufruía do conteúdo para seus trabalhos. Era trabalho e lazer, simultaneamente.

Ele produziu um arquivo com uma característica diversa das que me acostumei a lidar no meu trabalho profissional: além dos tradicionais documentos referentes à vida doméstica, familiar, social etc., ele criou arquivos a partir de sua biblioteca. Estava animado com as pesquisas que os professores da UNIRIO Fabiano Cataldo e Stefanie Cavalcanti Freire estavam realizando em sua biblioteca. Começou a se empolgar com a possibilidade de deixar seu legado intelectual disponível para pesquisa acadêmica em uma instituição de custódia.

Dentre os livros publicados por FPY, destacam-se traduções e a pesquisa sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade.

Figura 1 – Primeiro livro de poesia de FPY

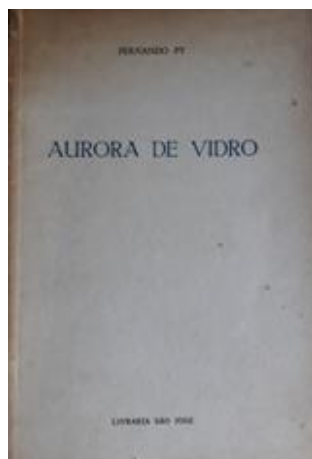
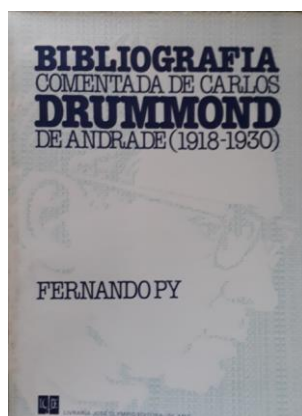


Figura 2 – Livro de crítica literária



Figura 3 – Livro resultado de sua pesquisa sobre Drummond



Dentre seus outros livros, destaca-se ainda “Antiuniverso”, livro com um único poema onde Py utiliza-se de termos da astronomia para uma poesia onde conta toda uma trajetória de vida.

2 A ATIVIDADE LITERÁRIA, A BIBLIOTECA E O ARQUIVO

Fernando Py era muito organizado. Com relação à biblioteca, mantinha livros de tombo, onde registrava os livros comprados, com as informações de contexto, como procedência, recebidos como presente, comprados, herdados, além da data de entrada, dentre outras, em um total de 5 livros de tombo.

Com relação ao arquivo, mantinha pastas identificadas com o conteúdo, porém, não havia uma listagem. Após seu falecimento, foi preciso desvendar o arquivo de meu pai e esta experiência foi enriquecedora sob dois aspectos:

- O profissional – como arquivista – percebendo a relação intrínseca entre o arquivo e biblioteca, o que estou considerando organicidade;
- O familiar – como filha – que envolve as dúvidas com relação à seleção de documentos a serem doados; e outro olhar sobre o produtor, a partir de seu arquivo.

2.1 POR QUE ORGANICIDADE ENTRE BIBLIOTECA E ARQUIVO?

O trabalho literário de Fernando Py envolve necessariamente a biblioteca e o arquivo, que caminham juntos e em paralelo, em uma relação orgânica, que a Arquivologia convencionou chamar de *organicidade*, termo que consta dos dicionários da área.

Organicidade é a qualidade segundo a qual os arquivos refletem a estrutura, funções e atividades da entidade acumuladora em suas relações internas e externas. (CAMARGO; BELLOTTO, 1996)

Ou, ainda, dito de outra maneira, “é a relação natural entre documentos de um arquivo em decorrência das atividades da entidade produtora” (ARQUIVO NACIONAL, 2005). Essa naturalidade refere-se ao trabalho realizado rotineiramente na produção e acumulação, tanto dos documentos do arquivo quanto da biblioteca.

O foco desta análise se dará na atividade de crítico literário, porém, não em detrimento das demais. Mas ela permite uma visualização mais objetiva e clara da relação entre o arquivo e a biblioteca.

A **crítica literária** é análise avaliativa das produções artísticas. A partir do estudo das características de cada texto, o crítico literário é o responsável por apontar os acertos e as falhas de determinada produção em termos estéticos, linguísticos e retóricos²².

Na atividade de crítico literário, Fernando Py colaborava com artigos e teve colunas em jornais, como, por exemplo: *O Globo* e *Jornal do Brasil* (no Rio de Janeiro); *Correio do Povo* (no Rio Grande do Sul); o *Estado de Minas* (em Minas Gerais); *Jornal da Tarde*, *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* (no Estado de São Paulo); e, em Petrópolis, *Jornal de Petrópolis*, *Petrópolis Post*, *Diário de Petrópolis* e *Tribuna de Petrópolis* (este último até seu falecimento).

A sistemática de organização que impunha ao seu arquivo era a seguinte:

- Ele arquivava suas colunas de jornais (artigos de crítica literária); e
- Recortava as colunas, colava em folha de papel branco e as ordenava cronologicamente em pastas (*clipping*).

Ele produziu 1 arquivo [no computador] com listagem de tudo que saiu publicado **dele** e **sobre ele**, a qual ia sempre atualizando a cada item novo.

Além desta, produziu 1 arquivo [no computador] com listagem de suas obras, que chamou de “**de Py**”.

Com relação à correspondência, encontra-se arquivada em pastas até o ano de 2003, em ordem cronológica. Além disso, também no computador, produziu uma listagem em ordem alfabética por pasta, imprimiu e deixou na capa da pasta, como um índice de conteúdo da mesma. Cada pasta gerou um arquivo no computador. Após 2003, a ordem cronológica das pastas foi se mantendo, porém, a ordenação física se perdeu devido ao espaço, ficando dispersas onde havia espaço.

Não satisfeito em manter a correspondência na ordem cronológica, com o recurso de buscar pela ordem alfabética, ainda produziu comentários, na forma de resumo de algumas das cartas, daquelas que tratam de suas publicações. Provavelmente no sentido de discutir com seus pares a crítica literária.

Mas onde está a organicidade?

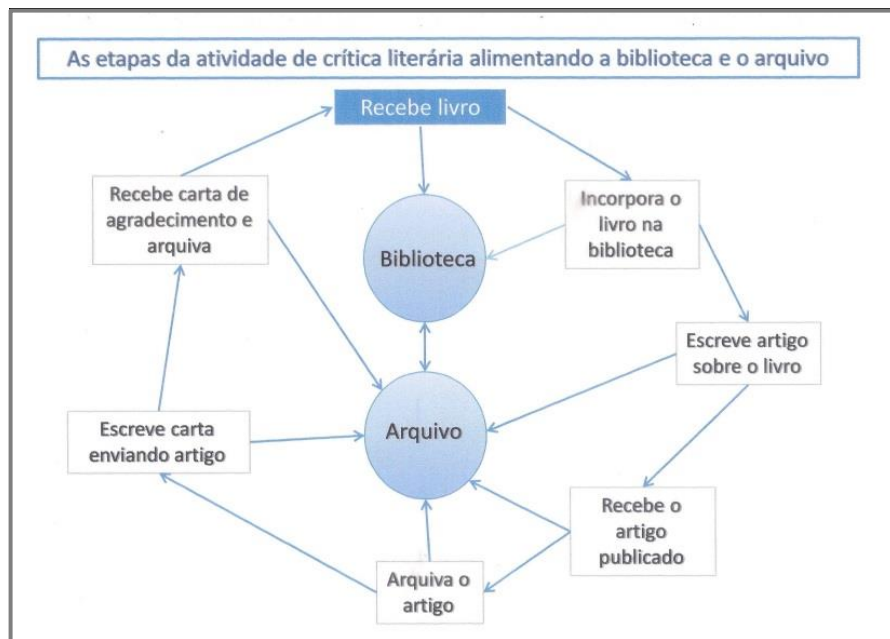
Percebo a organicidade na relação das atividades de crítica literária, no que se refere aos procedimentos que ele rotineiramente praticava, quais sejam:

²² Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/critica-literaria/>. Acesso em: 03 fev. 2021.

- a. Recebia um ou mais livros da editora para fazer a crítica – as editoras tinham por costume enviar livros para críticos e colunistas de jornais, com o objetivo de divulgação;
- b. Incorporava o livro na biblioteca – uma vez recebido o livro, este era registrado no livro de tomo e passava a fazer parte da biblioteca. Porém, nem todos os livros eram absorvidos. Nestes casos, ele disponibilizava para amigos ou juntava para encaminhar a uma biblioteca pública ou comunitária;
- c. Escrevia a coluna e enviava para o jornal – antes, o envio para o jornal era feito pelos Correios, ou no caso de jornais de Petrópolis, ele levava até o local. Após o uso do computador, passou a enviar a coluna por *e-mail*. Ele mantinha uma cópia datilografada [antes] ou no computador [nos últimos anos];
- d. Recebia a coluna publicada – antes, a coluna publicada em jornais ou revistas lhe era enviada pelos Correios, ou ele próprio ia buscar na sede do jornal. Ele recebia mais de 1 exemplar ou tirava cópia, com o objetivo de enviar para a editora ou para o próprio autor do livro, quando era o caso;
- e. Arquivava a coluna – o exemplar que ficava com ele era arquivado. Ele recortava a coluna e colava em uma folha de papel, trabalho conhecido como *clipping*, e mantinha as colunas ordenadas cronologicamente, em pastas;
- f. Escrevia carta – outra cópia da coluna era enviada para o editor ou o autor do livro, como forma de agradecer o recebimento e divulgar não só o livro, como seu trabalho. Ele também arquivava cópia da carta, antes do uso do computador. Mais recentemente, nem todas as cartas foram impressas, muitas existem apenas digitalmente;
- g. Recebia carta – com esta prática, ele recebia de volta uma carta de agradecimento pelo envio da coluna. Também arquivava a carta recebida em pastas fichário;
- h. Recebia mais livros – no caso de editora, o retorno do trabalho de divulgação de Fernando Py à editora provocava o estímulo para receber mais livros para a crítica.

O que se pode observar é a interação entre os procedimentos adotados no arquivo com relação ao material da biblioteca e vice-versa. A Figura 4 apresenta um fluxograma das atividades para melhor compreensão da inter-relação das mesmas. Esta relação de dependência, e ao mesmo tempo de contextualização, é o que estou considerando como a organicidade entre seu arquivo e sua biblioteca.

Figura 4 – Fluxo dos procedimentos entre arquivo e biblioteca



Fonte: elaboração própria.

Com estes procedimentos, o crescimento da biblioteca induziu o crescimento do arquivo e vice-versa.

A organicidade pode ser resumida conforme apresentada na Figura 5.

Figura 5 – Relação de organicidade da atividade literária entre o arquivo e a biblioteca



Fonte: elaboração própria.

A atividade de crítica literária também produziu uma grande quantidade de correspondência que não apenas reflete o trabalho que ele realizou, mas também a forma

como as pessoas o viam. Ler algumas cartas e perceber a admiração de escritores para com sua obra, sua crítica, me fez conhecer o lado profissional do pai, visto pelos seus pares. O reconhecimento de outros escritores para com o trabalho dele me fez ter um outro olhar sobre a pessoa com quem convivi uma vida inteira, olhando-o apenas como pai, numa relação de afeto, e não profissional.

3. A ARQUIVISTA E A FILHA NO ARQUIVO DE FPY

Como profissional arquivista, que atuou por muitos anos com a captação e a organização de arquivos pessoais de cientistas, adquiri experiência na negociação de conjuntos documentais. Pude observar várias situações com relação aos gêneros e tipos documentais encaminhados ao Arquivo, e às lacunas de documentos que familiares, herdeiros ou os próprios cientistas geravam ao fragmentar o conjunto documental. Em alguns casos, por acharem que parte dos documentos deveria ser encaminhada para uma determinada instituição, julgando ser mais pertinente, e outra parte para uma segunda instituição. Em outros casos, simplesmente por acharem que determinados documentos não seria de interesse, mantendo-os em família, ou simplesmente descartando-os. Em qualquer dessas situações, desmembrar o acervo pode comprometer sua contextualização.

Tendo em mente que é importante não apenas tentar manter os documentos sempre que possível na sua íntegra, eu buscava adotar um discurso de conscientização, junto aos doadores, da relevância de determinados documentos. Principalmente fotografias, que muitas vezes não eram encaminhadas à instituição. A tentativa era a de mostrar as necessidades dos futuros pesquisadores do arquivo, em especial de biógrafos, que buscam detalhes sobre a vida da pessoa.

Também vi acontecer o oposto: os doadores justarem todo o material encontrado e encaminhar para a instituição, sem qualquer seleção, e depois perceberem que precisariam de algo, voltando à instituição para recuperar.

Outra questão que também era alvo de uma conversa de conscientização era a de que não apenas os documentos referentes ao trabalho da pessoa é que interessavam, mas também sobre todos os aspectos de sua vida, incluindo vida familiar, social, política, religiosa etc. Doadores nem sempre têm esta visão da importância do conjunto e de certos documentos. A seleção de o que doar não é fácil nem para doadores, tampouco para a instituição que irá receber, pois não há espaço para tudo absorver. Há que se ter critérios que definam e ajudem a orientar a aquisição.

Porém, como filha, senti-me do “outro lado do balcão”. Foi quando pude perceber a dificuldade que certas famílias encontram no momento de selecionar e se separar dos documentos que trazem tantas lembranças afetivas.

Além do lado emocional, também ressaltam as dúvidas com relação à seleção de documentos a serem doados; se, por um lado, tenho consciência da importância do contexto, de não se deixar lacunas, por outro, nós, os filhos, não gostaríamos de nos desfazer de itens com importância afetiva ou que marcaram seu trabalho e possuem algum valor.

Com relação às fotografias, além daquelas já produzidas sob a forma digital, hoje temos a facilidade de digitalizar e manter cópias, podendo abrir mão de ficar com as originais, especialmente as antigas, que possuem maior valor histórico.

As dificuldades entram no âmbito familiar: correspondência entre primos que incluem comentários sobre os livros, além de assuntos familiares; fotos de eventos em família ou de familiares; entre outros. Além disso, ele também guardava em seu arquivo documentos sobre os filhos, criando uma pasta para cada um. Foi muito emocionante ter encontrado tantos documentos de infância, que não sabíamos que ainda existiam. A preservação destes documentos revelou muito de sua figura paterna, sempre presente, mas também com a consciência de que no futuro seus filhos teriam conhecimento de suas ações na infância. Isto demonstra a consciência histórica e a preocupação arquivística que ele possuía, mesmo que instintivamente.

O arquivo foi se revelando aos poucos, mostrando um mundo a ser descoberto pela família. O arquivo que ele constituiu e preservou é revelador de suas relações profissionais, sociais e familiares. A partir dele, foi possível observar uma pessoa diferente, um ser arquivador, que se preocupou em preservar minuciosamente os registros de sua trajetória, e com prazer. Esta tarefa ele fazia porque gostava e sentia necessidade. Não admitia que se jogasse nada fora. Conhecer o pai no âmbito doméstico, conhecendo seu trabalho e os amigos e escritores mais próximos, é uma dimensão sem surpresas. Porém, a dimensão externa, vinda de fora do âmbito doméstico, revelou um indivíduo a ser ainda mais valorizado e admirado do que já era.

O arquivo de Fernando Py é um exemplo de arquivo pessoal que proporciona outro olhar sobre o seu produtor, novas abordagens, que, sem o arquivo preservado, não seria possível. Além disso, também é um exemplo de que, quando os contextos são preservados, é possível estabelecer as relações entre os documentos de todos os aspectos da vida, proporcionando uma visão mais ampla de sua personalidade. Sua forma de arquivar, o

cuidado e o zelo com a preservação, com os registros de suas ações e, principalmente, de seu legado para o futuro, são impressionantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber, o arquivo e a biblioteca de Fernando Py possuem uma sinergia que os mantêm ligados para mútua contextualização, no que se refere à atividade de crítica literária. Pude compreender a organicidade entre arquivo e biblioteca na atividade de crítica literária a partir da relação intrínseca entre os livros recebidos e acumulados e os documentos produzidos a partir desta relação. Cartas e arquivos criados contextualizam livros. A existência de certos livros na coleção está justificada em cartas e prospectos de editoras e outros documentos.

É possível que, estudando todo o contexto das demais atividades com os documentos produzidos e acumulados, seja possível perceber outras ligações. Isso só o tempo dirá, com a organização e a produção de instrumentos de pesquisa adequados.

Figura 6 – Fernando Py em sua biblioteca (24/11/2019)



Foto: Maria Celina S. de Mello e Silva

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros, Núcleo Regional São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Departamento de Museus e Arquivos, 1996.

Arquivo Nacional. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2005.